

DOSSÊ

A PROBLEMATIZAÇÃO DA TRANSMIDIAÇÃO NO CONTEXTO JORNALÍSTICO:

uma análise da narrativa transmídia a
partir de reportagens

Copyright © 2015
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores
em Jornalismo

MARIA DO SOCORRO FURTADO VELOSO
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

YURI BORGES DE ARAÚJO
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasi

RESUMO - O conceito de narrativa transmídia (JENKINS, 2009a) vem ganhando aceitação e aplicações nos mais diversos campos da Comunicação, inclusive no jornalismo. No entanto, nem sempre tais empregos são feitos levando-se em consideração as características da área estudada. Este artigo pretende trabalhar a problematização da narrativa transmídia (NT) no campo jornalístico, a partir de três fontes: a conceituação desenvolvida por Fechine et al. (2011, 2012, 2013) de um fenômeno mais amplo, a transmidiação; estudos que buscam caracterizar o discurso jornalístico (CHARAUDEAU, 2009a, 2009b); e a tradição teórica construída em torno do newsmaking. Assim, se proporá os conceitos de "conteúdo jornalístico transmídia" e "jornalismo transmídia", que subsumem a própria NT. Por fim, será realizada uma análise de como se dá presença da narrativa transmídia em duas produções jornalísticas específicas, de modo a melhor caracterizar o seu lugar dentro da problematização mais ampla da transmidiação no jornalismo.

Palavras-chave: Narrativas transmídias. Transmidiação. Jornalismo.

PROBLEMATIZACIÓN DE LA TRANSMEDIACIÓN EN EL CONTEXTO PERIODÍSTICO: un análisis de la narrativa transmedia a partir de reportajes

RESUMEN - EL concepto de narrativa transmedia (JENKINS 2009a) ha ganado aceptación y aplicaciones en diversos campos de la comunicación, incluyendo el periodismo. Sin embargo, no siempre se realizan estos trabajos teniendo en cuenta las características de la zona de estudio en cuestión. Este artículo tiene la intención de problematizar la narrativa transmedia (NT) en el campo periodístico, a partir de tres fuentes: la conceptualización desarrollada por Fechine et al. (2011, 2012, 2013) de un fenómeno más amplio, la transmediación; estudios que buscan caracterizar el discurso periodístico (CHARAUDEAU, 2009a, 2009b); y la tradición teórica en torno del newsmaking. Por lo tanto, propondrá los conceptos de "contenido periodístico transmedia" y "periodismo transmedia", que subsumen la propia NT. Por último, habrá una revisión de cómo ocurre la presencia de la narrativa transmedia en dos producciones periodísticas específicas con el fin de caracterizar mejor su lugar en el ámbito más amplio de la transmediación en el periodismo.

Palabras clave: Narrativas transmedia. Transmediación. Periodismo.

PROBLEMATIZATION OF THE TRANSMEDIATION IN JOURNALISTIC CONTEXT: an analysis of transmedia storytelling from reports

ABSTRACT - The concept of transmedia storytelling (JENKINS, 2009a) is being gradually accepted and applied in many fields of Communication, including journalism. However, not always those usages are held regarding the attributes of the studied area. This paper aims to problematize the transmedia storytelling (TS) in the journalistic field, through three sources: the conceptualization developed by Fechine et al. (2011, 2012, 2013) through a wider phenomenon, the transmediation; studies that intent to characterize the journalistic speech (CHAREADEAU, 2009a, 2009b); and the theoretical tradition built around the newsmaking. Therefore, will be proposed the concept of "transmedia journalistic content" and "transmedia journalism", that subsume the TS itself. Lastly, it will be analyzed how the transmedia storytelling happens in two specific journalistic productions to characterize in a better way its place inside the wider problematic around the transmediation in journalism.

Keywords: Transmedia storytelling. Transmediation. Journalism.

INTRODUÇÃO

Já não é novidade que as mudanças no ecossistema midiático e o desenvolvimento das comunicações digitais interativas (SCOLARI, 2008) trouxeram transformações na forma como as mídias tradicionais passaram a se relacionar com seus leitores-usuários, com as mídias constituídas a partir do digital e entre elas próprias. Tais mudanças ocorrem em muitas frentes – tecnológica, industrial, cultural e social –, proporcionando um amplo fenômeno que pode ser descrito como convergência.

Uma das ideias relacionadas ao conceito diz respeito ao fluxo de conteúdos por meio de várias plataformas midiáticas, mas também abrange a “cooperação entre as múltiplas indústrias midiáticas, a busca de novas estruturas de financiamento (...) e o comportamento migratório da audiência, que vai a quase qualquer lugar em busca das experiências de entretenimento que deseja” (JENKINS, 2009a, p. 377).

A partir da observação de como se dá tal fluência de conteúdos na indústria de entretenimento norte-americana, Jenkins (2003) identificou uma ocorrência com características específicas e que se desenvolvia com o novo contexto de convergência. Ele a denominou narrativa transmídia (NT), que pode ser definida como um conjunto de histórias que se expandem através de múltiplas linguagens e

plataformas midiáticas e que, mesmo permitindo a compreensão independente de cada uma das suas unidades, proporciona a constituição de um universo narrativo mais amplo de acordo com o maior volume de partes que forem consumidas. Além disso, o conceito também inclui a presença da interatividade do consumidor com o conteúdo de tais histórias (JENKINS, 2003, 2009a, 2009b, 2009c).

O termo narrativa transmídia foi usado primeiramente pelo autor em um artigo de 2003, intitulado “Transmedia storytelling: moving characters from books to films to video games can make them stronger and more compelling”. O conceito adquiriu difusão no Brasil, entretanto, com a publicação do livro *Cultura da Convergência* (2009a), que tem sua primeira edição em inglês datada de 2006 e, em português, de 2008.

A aceitação da formulação proporcionou a sua larga aplicação em múltiplas áreas dos estudos comunicacionais e mesmo em outros campos de pesquisa. Isso gerou, por um lado, desdobramentos e avanços teóricos, mas, por outro lado, aplicações que não levam em conta as especificidades das áreas pesquisadas, fazendo com que o conceito fosse empregado e interpretado de modo amplo e frequentemente indiscriminado, empobrecendo o valor heurístico de sua formulação.

No âmbito comunicacional, uma das áreas em que a narrativa transmídia teve largo uso foi a do jornalismo, ocorrendo, também aqui, tanto avanços como inadequações. Este artigo se volta exatamente para a relação entre NT e jornalismo, tendo por objetivo a problematização do conceito nesta área específica de estudos e a sua aplicação na análise de duas produções jornalísticas veiculadas por distintos veículos de imprensa no Brasil.

Procurou-se, portanto, entender como a narrativa transmídia se dá no campo do jornalismo e como se diferencia de outros tipos de conteúdos que, apesar de terem características próximas, devem ser identificados como distintos.

1 TRANSMIDIAÇÃO

Pesquisando fenômenos relacionados à convergência na área da ficção televisiva brasileira, a professora Yvava Fechine (2011, 2012, 2013), em parceria com outros autores, elaborou todo um aparato conceitual e classificatório. Suas proposições têm o mérito de, por um lado, dar especificidade à narrativa transmídia nesse

campo de estudo e, por outro, apresentar demais conceitos que estão relacionados ao fluxo de conteúdos entre várias mídias, mas que se diferenciam da NT.

Esse percurso teórico se deu, inicialmente, pela formulação do conceito de *transmídiação*:

Considerando a diversidade de estratégias dessas ações de integração entre mídias, propomos então empregar o termo *transmídiação* para designar, de modo mais amplo, toda produção de sentido fundada na reiteração, pervasividade e distribuição em distintas plataformas tecnológicas (TV, cinema, Internet, celular etc.) de conteúdos associados cuja circulação está ancorada na cultura participativa estimulada pelos meios digitais. A *transmídiação* pode ser pensada, nessa perspectiva, como uma das lógicas de produção e recepção (consumo) de conteúdos no cenário de convergência (FECHINE; FIGUEIRÓA, 2011, p. 27).

Tendo definido *transmídiação*, a autora se voltou para descrever o que seria *conteúdo transmídia*: “um tipo específico de conteúdo cuja produção de sentido está ancorada na articulação sinérgica entre diferentes mídias/plataformas e no engajamento proposto ao consumidor como parte de um projeto de comunicação assumido por um determinado produtor (ou instância produtora)” (FECHINE et al., 2013, p. 28). E para que se tenha um conteúdo desse tipo, é necessário que haja o emprego articulado de plataformas em pelo menos duas mídias diferentes.

Tais conteúdos podem ter suas características especificadas e definidas de acordo com a mídia que serve de base para sua articulação com as outras mídias, que seria aquela onde se localiza o texto de referência ou programa narrativo principal. Isso permitiria denominar esses conteúdos, por exemplo, como conteúdos cinematográficos *transmídias*, conteúdos radiofônicos *transmídias* e conteúdos televisivos *transmídias*.

Já a interatividade é construída, dentro da *transmídiação*, através de *estratégias transmídias*, por parte do polo emissor, e de práticas *transmídias*, da parte do leitor/usuário. As primeiras dizem respeito

[...] aos diversos programas de engajamento propostos pelos destinadores-produtores aos seus destinatários, explorando suas competências para buscar e articular conteúdos nas diversas plataformas, bem como sua motivação para desenvolver o que estamos denominando de conteúdos habilitados por serem gerados pelos consumidores em espaços criados pelo projeto *transmídia* (FECHINE et al., 2013, p. 29-30).

Já as *práticas transmídias* são as respostas do leitor-usuário às estratégias propostas, correspondendo a algum tipo de ação dele sobre

ou a partir do conteúdo veiculado. Podem ser de dois tipos: articulação e atuação. A primeira seria aquela prática realizada a partir do conteúdo, exigindo “disposição para buscar e associar conteúdos complementares ou adicionais em outras plataformas, estabelecendo, nesse exercício, novas relações de sentido» (FECHINE et al., 2013, p. 30). Trata-se, nesse caso, de enunciados completos, que não necessitam da intervenção direta do usuário para a sua construção enquanto conteúdo.

A atuação, por outro lado, “exige a cooperação direta dos espectadores nos conteúdos para que estes se completem, para que se realizem ou se concretizem (enquetes, jogos, campanhas etc.)” (FECHINE et al., 2013, p. 30). Ou seja, aqui a intervenção do usuário é parte constitutiva do conteúdo proposto.

1.1 ESTRATÉGIAS TRANSMÍDIAS

Dadas as conceituações descritas acima, pode-se passar à classificação feita por Fechine et al. (2013) a partir da análise de telenovelas brasileiras. Nessa verificação, os autores classificam as estratégias de transmidiação em duas categorias: propagação e expansão.

A *propagação* seria aquela estratégia de transmidiação baseada na ressonância ou retroalimentação de conteúdos. Isso significa que tais conteúdos fluem entre diversas mídias e plataformas, funcionando de modo a divulgá-los mutuamente, com um reverberando o outro, mas não através de um desdobramento narrativo. Assim, colabora-se “para manter o interesse, o envolvimento e intervenção criativa do consumidor de mídias no universo proposto, agendando-o entre outros destinatários ou em outras instâncias, constituindo comunidades de interesses” (FECHINE et al., 2013, p. 33).

Pensando-se nas telenovelas, essa estratégia volta-se, por exemplo, para o

[...] objetivo de reiterar e repercutir conteúdos das telenovelas entre plataformas, promovendo um circuito de retroalimentação de interesse e atenção entre eles (TV e internet, especialmente, no caso das telenovelas). Forma-se, desse modo, um ciclo sinérgico no qual um conteúdo chama atenção sobre outro, acionando uma produção de sentido apoiada, em suma, nessa propagação por distintos meios de um determinado universo narrativo (FECHINE et al., 2013, p. 34).

A estratégia de *expansão*, por outro lado, fundamenta-se na complementaridade e/ou em desdobramentos. Isso significa que o

universo narrativo se expande em diversas mídias e plataformas por meio de conteúdos dotados, por um lado, de uma função lúdica e, por outro lado, de uma função narrativa propriamente dita. Perceba-se, aqui, que em ambas as estratégias – de propagação e de expansão – existe a pervasividade de conteúdos em distintas mídias, mas que, na primeira, isso se dá pela ressonância do universo narrativo e, na segunda, pelo seu crescimento.

Discorrendo a respeito da função lúdica e da função narrativa dos conteúdos na estratégia de expansão, Fechine et al. (2013, p. 34) dizem que:

Neste primeiro caso [função lúdica], promove-se, inclusive, a extração de elementos do universo narrativo para o cotidiano da audiência por meio de conteúdos que estimulam o espectador a fabular, a vivenciar, a entrar em um jogo de “faz de conta” a partir do seu envolvimento com os personagens e as situações apresentadas. No último caso [função narrativa], investe-se na proposição de extensões textuais em plataformas associadas, tendo como referência a construção de uma *transmedia storytelling* tal como descrita por Henry Jenkins [...].

Tabela 1 Estratégias transmídias

Estratégias	Conteúdos
PROPAGAÇÃO	Conteúdos reformatados
	Conteúdos informativos
EXPANSÃO	Conteúdos de extensão textual
	Conteúdos de extensão lúdica

Fonte: Adaptado de FECHINE et al. (2013, p. 37).

A tabela acima expõe os tipos de estratégias e os tipos de conteúdos que resultam a partir delas. Não se irá, aqui, tecer detalhes sobre os conteúdos resultantes da propagação. Já os conteúdos de extensão lúdica e de extensão textual, derivados da expansão, fazem referência às já citadas função lúdica e função narrativa. Interessa, mais de perto, para os fins deste artigo, os conteúdos de extensão textual, que, por sua vez, se desdobram em dois subtipos de conteúdos, de acordo com a tabela abaixo:

Tabela 2 Conteúdos de extensão textual

Estratégia	Conteúdos	
EXPANSÃO	Conteúdos de extensão textual	Extensões narrativas
		Extensões diegéticas

Fonte: Adaptado de FECHINE et al. (2013, p. 37).

A narrativa transmídia constitui-se, portanto, como um tipo de conteúdo transmidiático resultante da estratégia de expansão. Podemos denomina-la, dentro da classificação elaborada por Fechine et al. (2013), como um conteúdo de extensão textual narrativa. A seguir, mais detalhamentos acerca desse tipo de conteúdo.

1.2 CONTEÚDOS DE EXTENSÃO TEXTUAL

Os conteúdos de extensão textual são aqueles através dos quais acontecem desdobramentos narrativos, e não apenas a ressonância verificada nos conteúdos derivados da estratégia de propagação. Isso quer dizer que a narrativa, a partir de sua mídia regente, é ampliada de alguma forma, a partir das unidades que se espalham através de outras mídias e plataformas. É o universo narrativo propriamente dito (mundo diegético) que se expande. Aqui cabe uma breve discussão, baseada na semiótica discursiva, antes de darmos seguimento à classificação.

Primeiramente, então, é necessário conceituar a narrativa:

A semiótica concebe a narrativa como um percurso de transformações de estados do sujeito na sua relação de junção com objetos-valor. A relação entre o sujeito e o objeto pressupõe a transitividade entre dois estados fundamentais: o sujeito pode estar em conjunção ou em disjunção com o objeto. Essa unidade elementar ou “molécula da narratividade” – denominada de programa narrativo (PN) – corresponde à transformação de um estado a outro. No primeiro caso, temos um enunciado de estado conjuntivo, o que corresponde a um programa de aquisição (sujeitos em busca de conjunção com o objeto). No segundo caso, temos um enunciado de estado disjuntivo, o que corresponde a um programa de privação (sujeito em busca de disjunção com o objeto). Toda narração possui etapas de transformação e atuantes (ou actantes) invariantes que, no nível discursivo, são recobertas por tematizações e figurativizações variáveis. (FECHINE; FIGUEIRÔA, 2011, p. 29)

Os autores explicam, ainda, que na maioria das narrativas existe pelo menos um programa narrativo de base (ou principal)

e vários programas secundários, ou seja, ações secundárias de alguma forma relacionadas ao primeiro programa. Tais programas ou unidades desempenham, no conjunto de ações que compõem a narrativa, determinadas funções, que são classificadas como cardinais e catalisadoras (FECHINE; FIGUEIRÔA, 2011, p. 29-30).

A função cardinal (ou núcleo) é aquela que abre (ou mantém, ou fecha) “uma alternativa consequente para o seguimento da história”, ou seja, inaugura ou conclui uma incerteza (BARTHES, 2009, p. 33). As funções desse tipo são consideradas, de certa forma, as mais importantes, por se constituírem nas articulações da narrativa, ou de trechos dela (BARTHES, 2009, p. 32). Já a catálise é a unidade que complementa o espaço narrativo situado entre dois núcleos. Não modifica a história, mas “desperta sem cessar a tensão semântica do discurso, porque diz ininterruptamente: houve, vai haver significação” (BARTHES, 2009, p. 35).

Pode-se retornar agora à caracterização dos conteúdos de extensão textual para dizer que eles acontecem quando o programa narrativo principal é expandido por meio de outras unidades, em mídias e plataformas distintas, desempenhando ou uma função cardinal, ou uma função catalisadora. No primeiro caso, tem-se conteúdos de extensão textual denominados “extensões narrativas”, que correspondem às narrativas transmídias, que nos interessam aqui mais de perto.

As *extensões narrativas* são aqueles conteúdos que proporcionam desdobramentos à narrativa em outras mídias e plataformas por meio da sua expansão, que se configura através de programas narrativos auxiliares ou complementares, que se relacionam diretamente ao programa narrativo principal da mídia regente. Temos aqui uma caracterização das narrativas transmídias, baseada na semiótica discursiva.

Podem ser descritas, em suma, como novas narrativas desenvolvidas em outros meios, geralmente a partir de recuos ou avanços na cronologia da narrativa principal exibida na televisão. Podem ser prolongamentos da narrativa, explorando ações subsequentes àquelas que foram mostradas no programa narrativo principal, ou, ao contrário, podem ser uma “volta no tempo” por meio da qual são apresentados eventos ou situações cujas consequências complexificam os conflitos e comportamentos mostrados no texto de referência. Podem ser também ações que se desenvolvem paralelamente à principal, explorando mais, por exemplo, núcleos

dramáticos e personagens secundários, ou podem ser o ponto de partida para histórias, que depois ganharão autonomia (FECHINE et al., 2013, p. 45 - 46).

2 JORNALISMO E TRANSMÍDIA

Aqui cabe questionar: como adaptar e problematizar o fenômeno da transmidiação ao jornalismo? Isso se faz necessário porque, como dito anteriormente, o emprego do termo narrativa transmídia passou a ser usado de maneira mais abrangente do que deveria. Isso fez com que quase todo tipo de conteúdo articulado entre mídias diversas fosse classificado como NT. Ademais, os termos jornalismo transmídia e narrativa transmídia também costumam aparecer como sinônimos, quando, na verdade, um se constitui como um tipo de conteúdo e o outro diz respeito a uma lógica de produção midiática.

A adaptação de tais conceitos ao jornalismo traz uma dificuldade extra no que diz respeito a outros campos. Determinar o que significa o conteúdo transmídia para a televisão, por exemplo, implica, fundamentalmente, que o texto de referência dessa produção – ou seja, a parte principal do universo narrativo em questão, de onde serão derivados os outros conteúdos em outras mídias – seja veiculado na TV. A identidade do conteúdo transmídia em jornalismo, por outro lado, não pode ter esse fator como parâmetro de sua constituição. Isso porque a identidade do jornalismo independe das mídias por meio das quais ele é veiculado.

Optou-se, então, por abordar o jornalismo a partir de dois pontos de vista constitutivos: o de discurso e o de prática social. Recorreu-se, no primeiro caso, aos estudos de CHARAUDEAU (2009a, 2009b) acerca do “discurso da informação”. Esse se caracteriza de modo geral, pelas circunstâncias da sua mecânica de construção de sentido (processo de transação e processo de transformação), pelos saberes (de conhecimento e de crença) que proporciona e pelos efeitos de verdade em que se baseia. E esses efeitos, no discurso de informação, são modulados por três fatores: as razões para informar, a identidade do informador e as provas de veracidade (CHARAUDEAU, 2009a, p. 40-56).

Esse discurso se conforma por modos de organização, que podem ser divididos em três: acontecimento relatado, acontecimento comentado e acontecimento provocado (CHARAUDEAU, 2009a, 2009b).

Esses modos, por sua vez, são um fator importante na definição dos gêneros jornalísticos, vistos aqui como “uma noção transmidiática”, apesar de algumas classificações os organizarem de acordo com mídias específicas. A esse respeito, pode-se afirmar que “se realmente podemos falar de gêneros jornalísticos, então a mídia deve ter um lugar secundário. Se colocarmos a mídia como uma condição determinante do ato de comunicação, estaremos situando todas as propriedades da mídia com o mesmo grau de influência” (SEIXAS, 2009, p. 21).

Além disso – e aqui entra a visão do jornalismo como prática social –, a identidade dos conteúdos jornalísticos também é justificada pelo fato de serem construídos a partir de uma instância produtora institucionalizada e legitimada. Isso se dá devido à atividade jornalística ter “um papel socialmente legitimado para gerar construções da realidade publicamente relevantes” (ALSINA, 2009, p. 46). A legitimação e institucionalização da atividade ocorre porque

[...] essa relação entre o jornalista e seus destinatários estabelece-se por um contrato pragmático fiduciário social e historicamente definido. Os jornalistas têm a incumbência de recopilar os acontecimentos e os temas importantes e dar-lhes sentido. Esse contrato baseia-se em atitudes epistêmicas coletivas, que foram se compondo através da implantação do uso social da mídia como transmissores da realidade social de importância pública (ALSINA, 2009, p. 47).

Outras características constitutivas da identidade dessa instância produtora são a cultura profissional dos jornalistas e as rotinas produtivas das organizações jornalísticas. As rotinas procuram dar conta da imprevisibilidade da matéria-prima jornalística, o acontecimento, de modo a conciliar tal imprevisibilidade com os constrangimentos organizacionais relacionados ao tempo e aos recursos disponíveis, por exemplo. Já a cultura profissional está relacionada a fatores importantes da atividade, como aos valores-notícia e a uma determinada noção justificadora da profissão e de sua função social, em parte aceita pela instância receptora.

Tem-se, portanto, que o saber produzido pelo jornalista não é simplesmente transmitido, mas sim o resultado, primeiro, do contato com acontecimentos de interesse público – que são definidos enquanto tais de acordo com uma cultura profissional (onde se manifestam, por exemplo, os valores-notícia) – e, segundo, das rotinas produtivas que condicionam a seleção desses mesmos acontecimentos de acordo com vários fatores.

A partir dessas considerações e também das conceituações

apresentadas anteriormente, propõe-se aqui definir o que são os *conteúdos jornalísticos transmídias*: são aqueles que têm, antes de tudo, a propriedade de serem transmidiáticos e de se constituírem como o texto de referência de um universo transmídia em jornalismo. Além disso, são inscritos dentro do discurso da informação, construídos a partir de gêneros específicos e originários de uma prática social institucionalizada e legitimada, a atividade jornalística, que, por sua vez, é constituída por uma cultura profissional e rotinas produtivas que lhes são próprias.

Feitas essas considerações acerca da definição dos conteúdos jornalísticos transmídias, pode-se agora, com maior embasamento, partir para a elaboração acerca do que é o jornalismo transmídia. Antes de se apresentar uma definição para o termo, contudo, é necessária uma importante consideração.

É relevante ressaltar que a atividade jornalística vem produzindo, já há bastante tempo, conteúdos que são veiculados através das mais diversas mídias e plataformas. O que diferenciaria, então, esse contexto, do atual? Afinal, se um mesmo acontecimento é relatado por uma TV em um dia, e também o é por um jornal (de uma empresa jornalística distinta) no dia seguinte, e ainda é comentado e ampliado por uma revista (também pertencente a um grupo diferente) no fim de semana, não teríamos aqui um exemplo de conteúdos produzidos a partir de um jornalismo transmídia?

Seguindo o raciocínio de Fachine et al. (2013), vê-se a transmídia, na proposta empregada neste artigo, como um projeto elaborado por uma instância produtora específica, que emprega estratégias por meio das quais são definidas propostas de engajamento para os leitores-usuários. O que diferencia o fenômeno transmídia em jornalismo, portanto, é a integração de mídias a partir de conteúdos que fazem parte de um projeto unificado da instância produtora. Assim, no quadro hipotético citado acima, podemos dizer que os conteúdos fazem parte de um mesmo universo discursivo, mas não de um mesmo universo narrativo transmídia.

Assim, propõe-se que o *jornalismo transmídia* refere-se à incorporação do modo de produção transmídia pelas organizações jornalísticas, o que se dá por meio da integração de múltiplas plataformas e meios em um projeto unificado e planejado por uma instância produtora específica. Esse projeto se desenvolve através de estratégias e práticas transmídias, que resultam em um universo

narrativo próprio, cujo texto de referência é constituído por um conteúdo jornalístico transmidiático.

2.1 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E DESCRIÇÃO DAS AMOSTRAS

Após a proposição dos conceitos de conteúdos jornalísticos transmídias e de jornalismo transmídia, faz-se necessário agora trabalhar na análise de como se dá a narrativa transmídia nesse campo específico. Para isso, fez-se uma seleção de produções jornalísticas baseada em alguns critérios. Um deles foi que houvesse o fenômeno transmídia – e, mais especificamente, narrativas transmídias – nas amostras a serem estudadas. Outro foi que o texto de referência se constituísse no gênero reportagem.

A escolha da reportagem enquanto critério para a seleção da amostra está relacionada ao fato de que a narrativa transmídia é um tipo de conteúdo de extensão narrativa, o que significa que as várias partes que a compõem – em distintas mídias – a desdobram, proporcionando o seu aprofundamento no tempo e, possivelmente, também no espaço.

Isso não significa que a NT não possa se constituir através da notícia, mas sim que a reportagem se constitui enquanto um formato privilegiado para essa tarefa, porque se conforma a partir do relato de acontecimentos que já repercutiram de alguma forma no organismo social e cujas implicações sociais são mais amplas (MELO, 1985, p. 65), indo além da notícia em grau de extensão, aprofundamento e liberdade estilística (CHAPARRO, 2008, p. 182). Isso implica, portanto, que tais acontecimentos são mais propícios para serem estendidos ou ampliados, característica da narrativa transmídia.

Ademais, presume-se que a disponibilidade de tempo para a feitura de reportagens, dentro das rotinas produtivas jornalísticas, é maior do que se tem para a notícia. Isso também significa uma maior disponibilidade de tempo para a organização e feitura da outra(s) parte(s), além do texto de referência, que irá (irão) compor a NT.

Diga-se, ainda, que a narrativa transmídia pode ser considerada como uma modalidade de narrativa midiática propícia para a prática de um jornalismo que procure se aprofundar no relato e interpretação dos acontecimentos. E, para esta intenção, o formato da reportagem se apresenta como o mais adequado.

A presente pesquisa verifica, assim, as seguintes produções jornalísticas:

a) “Como os Beatles conquistaram o mundo – há 50 anos, os quatro rapazes de Liverpool invadiram os Estados Unidos e redefiniram o destino do rock and roll”, publicada na edição de nº 91 da revista *Rolling Stone*, em abril de 2014, de autoria de Gilmore (2014). A matéria foi veiculada, parcialmente, também no site da revista. Além disso, ao término da reportagem, são indicados outros 12 materiais jornalísticos, que se tratam de publicações sobre a história dos Beatles e de seus membros, que assumem formatos de reportagens, entrevistas, galerias de fotos, clips e até mesmo um vídeo em que aparece a primeira participação da banda na TV estadunidense.

b) “Corinthians na Libertadores” (2012), veiculada no programa *Profissão Repórter*, no dia 3 de julho de 2012, e também disponibilizada no site do programa, em duas partes. Ainda no site, foram veiculados, nos dias 5 e 7 de julho, dois complementos.

É relevante concluir essa descrição das amostras explicando que também foram compostas de conteúdos veiculados em redes sociais na internet, especificamente o Facebook e o Twitter, que não chegaram, no entanto, a contribuir para que tais produções se constituíssem enquanto narrativas transmídias.

3 ANÁLISE DE NARRATIVAS TRANSMÍDIAS EM JORNALISMO

A reportagem “Como os Beatles conquistaram o mundo”, publicada na revista impressa *Rolling Stone*, narra a primeira visita dos Beatles aos Estados Unidos, em 1964. Em um trecho da matéria jornalística, aparece uma mensagem remetendo a complementos no site da publicação: “Relembre a carreira dos Beatles em fotos e leia as reportagens sobre a banda publicadas na RS” (GILMORE, 2014, p. 54).

No site da *Rolling Stone*, existe uma reprodução parcial da reportagem, com uma indicação dizendo que o texto completo pode ler lido na versão impressa. Ao término, são disponibilizados 12 links de materiais produzidos anteriormente pela revista, ou por sua versão online, sobre os Beatles. Apenas um deles não leva a um desdobramento da narrativa contida no texto de referência. Trata-se da matéria “Há 50 anos, os Beatles estreavam na televisão norte-americana e davam início à Invasão Britânica”, que remete a um trecho da história já contada na versão impressa.

Os outros materiais se constituem de reportagens, notícias, notas, entrevistas e até a reprodução de um relato feito pelo líder da segunda maior banda britânica, Mick Jagger, a respeito de sua relação com um dos membros dos Beatles, John Lennon, que se iniciara antes mesmo de 1964. Em todos esses casos, existem expansões da narrativa principal, que se dão de múltiplas formas. Em uma delas, tem-se a história da relação de um fotógrafo com os membros da

banda, e sobre o livro que ele lançava, vários anos depois, com fotos do período. Trata-se, portanto, de uma expansão pelo uso de um novo personagem, assim como é o caso do relato de Jagger.

Várias outras reportagens e entrevistas tratam da vida pessoal e da carreira do *beatle* Paul McCartney, em diferentes momentos de sua história, o que também acontece, em menor quantidade, com os outros membros da banda, George Harrison, Ringo Starr e John Lennon. Tratam-se, portanto, de expansões por meio tanto de recuos com relação ao tempo diegético da narrativa principal – que se concentra principalmente no ano de 1964 –, como de avanços, que trazem até 2013.

Boa parte desses materiais também contém galerias de fotos e alguns apresentam links com outras reportagens sobre o grupo, de modo que a expansão narrativa com relação ao texto-base não para nas matérias citadas. Tal abrangência do arco temporal é proporcionada tanto pelo tempo de existência da revista – a versão estadunidense foi criada em 1967 e muitos materiais são traduzidos e republicados na versão brasileira –, como pela frequência da cobertura sobre os Beatles e seus membros feita pela publicação ao longo desses anos.

Nesse caso, a expansão narrativa se dá pelo uso do recurso da memória, potencializado pela internet e uma das características do webjornalismo, como o destaca Palácios:

[...] a acumulação de informações é mais viável técnica e economicamente na Web do que em outras mídias. Acresce-se o fato de que na Web a Memória torna-se Coletiva, através do processo de hiperligação entre os diversos nós que a compõem. Desta maneira, o volume de informação anteriormente produzida e diretamente disponível a Usuário e Produtor da notícia cresce exponencialmente no Jornalismo Online [...](PALACIOS, 2003, p. 4).

Assim, a narrativa transmídia, nesse caso, funciona de maneira a aprofundar a narrativa principal por meio da superação de limites de espaço da publicação impressa, o que ocorre, como já dito, pela recurso da memória acumulada pelo veículo de comunicação. O material usado para isso era pré-existente, mas foi reutilizado por meio de uma proposta de engajamento feita ao leitor-usuário. O único material que se constituiu em um tipo de conteúdo jornalístico transmídia que não se enquadra na NT foi a reprodução parcial da matéria da versão impressa no site da revista.

Já a reportagem “Corinthians na Libertadores”, do programa de TV *Profissão Repórter*, se passa no intervalo de tempo de três dos últimos quatro jogos da campanha vitoriosa do time paulista na competição de clubes sul-americanos de futebol, em 2012.

A história transcorre em duas frentes: o acompanhamento de torcedores do clube se deslocando de cidades para assistir aos jogos; e a narrativa de aspectos da vida pessoal e profissional de dois de seus jogadores.

A matéria é exibida na TV no dia anterior à final do campeonato. E, ao seu término, um dos repórteres convida o telespectador para ver na internet a cobertura que o programa faria da partida final da competição. Ou seja, a reportagem vai ao ar na TV no dia 3 de julho, a partida final ocorre no dia 4, e a reportagem sobre o jogo decisivo fica disponível no site do programa no dia 5. Assim como na matéria da TV, também nesta última se retratam torcedores, e parte deles é a mesma cujas histórias são mostradas anteriormente. O conteúdo é denominado no site como “Confira as emoções dos torcedores da Fiel durante a final no Pacaembu”.

Têm-se, então, um conteúdo de extensão textual narrativa (narrativa transmídia), que é feito com o objetivo específico de superar uma limitação relacionada à periodicidade do programa, que é semanal. Ora, optou-se por exibir o texto de referência no dia anterior à partida final da competição – provavelmente como forma de garantir uma maior audiência – e, para não deixar de também narrar o ato final do campeonato, optou-se por exibi-lo no site já no dia seguinte, enquanto a história ainda teria atualidade. O conteúdo se constitui como um avanço no tempo diegético da narrativa principal.

A produção ainda foi desdobrada por meio de outro complemento, intitulado “Conheça o canal de TV que fala exclusivamente do Corinthians”. Durante a reportagem principal veiculada na TV, é feita referência à *TV Corinthians*, mas nesse complemento do site a narrativa é aprofundada e se mostram mais detalhes sobre o canal e personagens que trabalham nele. Temos, então, mais um conteúdo de extensão textual narrativa, que exhibe ações que se passam de maneira paralela à principal, por meio do aprofundamento de personagens secundários. Aqui a motivação do uso do material está relacionada a uma forma de superar a restrição do tempo de duração de programa da TV.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das amostras escolhidas terem tido como pré-requisito a presença de narrativas transmídias, ficou claro ao longo do

percurso teórico feito neste artigo que elas se constituem em apenas um dentre os vários conteúdos jornalísticos transmídias. A própria reprodução das reportagens de seu meio original para o digital – o que ocorre em ambos os casos – se trata de um tipo distinto de conteúdo, constituído por meio de uma estratégia de propagação, e não de expansão textual.

Espera-se que também tenha restado demonstrado que o jornalismo transmídia não se trata de um tipo de conteúdo, mas refere-se a algo mais amplo, a um modo de produção de conteúdos, com características específicas de seu campo, por um lado, e fundado na transmídiação, por outro.

As reportagens analisadas tiveram como complementos tanto outras reportagens, como também – no caso de “Corinthians na Libertadores” – conteúdos conformados segundo gêneros jornalísticos diferentes: notícias e entrevistas, por exemplo. Além disso, as NTs surgiram a partir de recursos narrativos também distintos: existem expansões temporais do tempo diegético para o futuro e para o passado, além de tempos paralelos ao da narrativa principal. E isso se dá tanto por meio da inserção de novos personagens, como pela expansão das histórias de personagens já apresentados.

Esses conteúdos foram criados/apresentados através de duas circunstâncias quanto ao seu planejamento: em um dos casos – a reportagem “Confira as emoções dos torcedores da Fiel durante a final no Pacaembu” – ocorreu a intenção primeira de que sua produção fosse feita como complemento ao material principal. Em outro, o conteúdo transformou-se em complemento, mas foi produzido inicialmente para compor o texto principal da produção (reportagem sobre a TV *Corinthians*). E ainda há uma terceira vertente, a dos conteúdos que já existiam anteriormente, mas foram dispostos dentro de uma nova produção jornalística, por meio do recurso da memória.

Além dessas considerações, pode-se concluir afirmando que a narrativa transmídia em jornalismo demonstra se coadunar com produções que visem objetivos de aprofundamento das temáticas e pontos de vistas abordados. Isso se verificou nas análises realizadas e se deu por meio do uso da NT com os objetivos de superar limitações de tempo (programa de TV), espaço (revista impressa) e periodicidade. O que foi feito fundamentalmente pelo emprego de plataformas digitais associadas a outras tradicionais, em especial a revista e a TV, de acordo com os casos em análise.

Referências

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 7ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. São Paulo: Summus, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009a.
- _____. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2009b.
- CORÍNTHIANS NA LIBERTADORES. **Profissão Repórter**. São Paulo: Rede Globo, 3, 5 e 7 de julho de 2012. Programa de TV. Disponível em: <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/videos/t/programas/v/corinthians-na-libertadores-parte-1/2023756/>>; <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/videos/t/extras/v/confira-as-emocoes-de-torcedores-da-fiel-durante-a-final-no-pacaembu/2025981/>>; <http://g1.globo.com/profissao-reporter/videos/t/extras/v/conheca-o-canal-de-tv-que-fala-exclusivamente-do-corinthians/2030230/>. Acesso em: 2 abr. 2014.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1** – prolegômenos e teoria narrativa. São Paulo: Ática, 1995.
- FECHINE, Yvana; FIGUEIRÔA, Alexandre. Transmídiação: explorações conceituais a partir da telenovela brasileira. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Org.). **Ficção televisiva transmidiática no Brasil**: plataforma, convergências, comunidades virtuais. Porto Alegre: Sulinas, 2011, p. 17-59.
- FECHINE, Yvana. Transmídiação, entre o lúdico e o narrativo. In: CAMPALANS, Carolina; RENÓ, Dênis; GOSCIOLA, Vicente (Eds). **Narrativas transmedia**: entre teorias e práticas. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2012, p. 69-84.
- FECHINE, Yvana et al. Como pensar conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira? Uma abordagem a partir das telenovelas da Globo. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo (org). **Estratégias de transmídiação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 19-60.
- GILMORE, Mikal. Como os Beatles conquistaram o mundo: há 50 anos, os quatro rapazes de Liverpool invadiram os Estados Unidos e redefiniram o destino do rock and roll. **Rolling Stone**, São Paulo, n. 91, p. 50-55, abr. 2014. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-91/como-os-beatles-conquistaram-o-mundo>>. Acesso em 20 abr. 2014.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2ª ed., São Paulo, Aleph, 2009a.

_____. **The revenge of the Origami Unicorn**: seven principles of transmedia storytelling, 2009b. Disponível em: <http://henryjenkins.org/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.html>. Acesso em 10 abr. 2012.

_____. **If it doesn't spread, it's dead**, 2009c. Disponível em: <<http://tinyurl.com/cy33n8>>. Acesso em: 2 jun. 2012.

_____. **Transmedia storytelling**: moving characters from books to films to video games can make them stronger and more compelling. 2003. Disponível em: <<http://tinyurl.com/4nstbe3>>. Acesso em: 9 mai. 2012.

MELO, Jose Marques de. **Opinião no jornalismo brasileiro**. 2ª ed. Petropolis: Vozes, 1994.

PALÁCIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALÁCIOS, Marcos. **Modelos do jornalismo digital**. Salvador: Editora Calandra, 2003.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Hipermediaciones**: elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva. Barcelona: Gedisa, 2008.

SEIXAS, Lia. Gênero jornalístico: uma noção transmidiática. Trabalho apresentado no V SIGET, Caxias do Sul, RS, 2009. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/28325765/genero-jornalístico-nocao-transmidiática>>. Acessado em: jul. 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

Maria do Socorro Furtado Veloso é professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN. Doutora em Comunicação pela USP e bolsista Capes de pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa. E-mail: socorroveloso@uol.com.br

Yuri Borges de Araújo é membro do Grupo de Pesquisa Pragmática da Comunicação e da Mídia (Pragma), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em comunicação pela UFRN. E-mail: y.borges@globocom

RECEBIDO EM: 28/02/2015 | ACEITO EM: 15/04/2015